

IMAGINÁRIOS INFANTIS SOBRE A CIDADE: UMA ALFABETIZAÇÃO CULTURAL¹

1º AUTOR

ARRUDA, Phrygia; Doutorado no Instituto de Psicologia; Programa de Pós-Graduação em Psicologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ; Rio de Janeiro; Brasil; phrygiaarruda@gmail.com

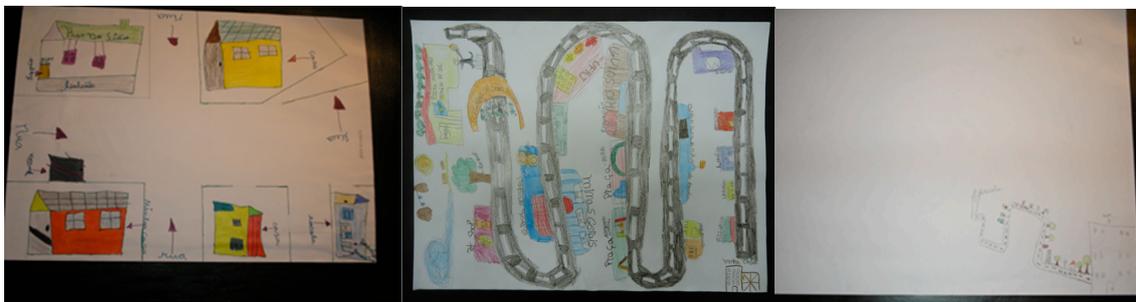


Figura 1: Mapas mentais. Aluna M. A. DRE: 103062682 2011.²

RESUMO

Trabalho elaborado a partir de pesquisa sobre a cidade nos imaginários das crianças. Tomam-se aqui caminhos feitos pelas crianças entre a casa e a escola, levando em consideração seus desenhos e relatos. O trabalho visa potencializar a educação patrimonial em sala de aula, a partir do aparato teórico-metodológico oferecido por diferentes autores que estudaram a memória coletiva, a preservação e salvaguarda das cidades. Por meio de

¹Trabalho apresentado no Simpósio Espaços Narrados, FAUUSP, 2012.

² Os mapas são de três crianças e apresentados por 2 alunas e 1 aluno esta referência é do 1º mapa e de uma aluna cujo trabalho não entrou no texto.

estratégias interdisciplinares, discutiu-se sobre os bairros e suas histórias culturais e sociais, e tais estratégias resultaram em uma metáfora que pensa a importância da cidade na constituição da subjetividade de seus habitantes. Nesse sentido, chegou-se a um encontro proveitoso entre desenhos (mapas mentais) e narrativas das crianças, tendo, por um lado, expressões gráficas fascinantes e, por outro, a transformação de um percurso conhecido numa alfabetização cultural.

Palavras-chave: Crianças; Cidade; Educação Patrimonial.

ABSTRACT

This research is about the image of a city in the children's imagination, based on their drawings and reports about their way from home to school. This paper is aimed at improving heritage education in the classrooms, as well as creating roots and expanding a new mentality, based on the theoretical and methodological approach adopted by different authors who studied collective memories, as well as the cities' preservation and safeguard. In this sense, we reached a significant relation between the children's drawings (mental maps) and narratives. On the one hand, there are fascinating graphical expressions and, on the other hand, we see the transformation from an already known journey into a cultural instruction.

Keywords: Children; City; Heritage Education.

RESUMEN

Texto a partir de la investigación de la presencia de la imagen de la ciudad en las fantasías de los niños. Se toman aquí los caminos que hacen los niños entre la casa y la escuela, teniendo en consideración sus dibujos y relatos. El trabajo tiene por objetivo, desde una perspectiva que se despliega en varias vertientes, maximizar la educación patrimonial en la clase escolar, a partir del aparato teórico-metodológico ofrecido por diferentes autores que estudian la memoria colectiva, la preservación y la salvaguardia de las ciudades. En este sentido, se logró un encuentro fructífero entre los dibujos (mapas mentales) y las narrativas de los niños, alcanzando, por un lado, expresiones gráficas fascinantes y, por otro, la transformación de un trazado conocido en una alfabetización cultural.

Palabras clave: Niños; Ciudad; Educación Patrimonial.

IMAGINÁRIOS INFANTIS SOBRE A CIDADE:

UMA ALFABETIZAÇÃO CULTURAL

INTRODUÇÃO

O olho não vê coisas, mas imagens de coisas que significam outras coisas. (CALVINO, 1999, p. 52).

Sou de uma geração cujo espaço de brincadeiras era formado por calçadas e praças. Uma diversidade de brincadeiras e estar na rua (calçadas) eram o que importava. As brincadeiras em casa, como brincar de bonecas, jogos caseiros, eram mais atraentes quando se deslocavam para as ruas. Exemplifico com trecho significativo que expressa as diferenças entre a relação criança-cidade na década de 1950 e no contemporâneo:

Brincava-se em praças porque estas tinham "escorregas", "balanços", "gangorras" e "rema-rema" (...) A rua, na Copacabana dos anos 50, configurava-se num espaço de manifestação da euforia que era viver próximo à praia, e onde a vida cotidiana do bairro inspirava o brincar na rua. Brincava-se de "pique-esconde", de "amarelinha", de pular corda, de "polícia-e-ladrão", de "mamãe-posso-ir" e - a febre do final dos anos 50 - de "bambolê", todas estas brincadeiras de preferência eram na calçada. (ARRUDA, 2002, p. 131)

Após levantamento bibliográfico se observou que em diferentes centros universitários, dentre eles a Universidade de Montreal, em parceria com a UNESCO, são desenvolvidas pesquisas sobre "como é crescer nas cidades" ("*Grandir en ville*"), projeto iniciado na década de 1970, retomado em 1990, que busca conhecer a relação das crianças e dos jovens com o seu bairro (In: Site Internet, UNESCO MOST, 2004).

Esse tempo de andar da casa à escola, sendo apenas um dos tempos usados pelas crianças, está desaparecendo nas sociedades urbanizadas. São várias as explicações, tanto no Canadá como no Rio de Janeiro, como a questão da segurança, a densidade da circulação

de ônibus, táxis e automóveis, fazendo com que as cidades sejam pensadas para adultos motorizados e não para crianças, com conseqüências negativas para a saúde das mesmas.

Atualmente a temática das cidades faz parte dos estudos de diferentes especialistas, inclusive psicólogos, que em suas diferentes formações são especialistas na qualidade da vida humana. Assim, serão abordados neste trabalho temas referentes ao patrimônio e à salvaguarda dos espaços urbanos, analisando-os por meio de imaginários infantis, de crianças com idade entre seis e dez anos, por meio de desenhos (mapas mentais) e narrativas do trajeto que diariamente fazem entre casa e escola, descrevendo, portanto, um Rio de Janeiro particular e coletivo.

Fez parte do treinamento inicial, como trabalho acadêmico, de alunos de graduação (alunos então regularmente inscritos na disciplina “Tópicos Especiais em Psicologia da Personalidade”, ministrada pela Profa. Phrygia Arruda no primeiro semestre de 2011), uma Oficina de Educação Patrimonial (HORTA, M. L. & Outros, 1999) como primeiro contato para apropriação e discussão de temas pouco utilizados nos currículos de formação em Psicologia, apoiados nas experiências gráficas dos alunos.

Após terem escolhido as crianças participantes da pesquisa, foi explicado aos alunos o trabalho a ser feito, inserido na pesquisa da professora, em que cada criança desenharia um “mapa” particular do que observa no seu dia-a-dia, indo da casa à escola. Em seguida foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para ser assinado pelos responsáveis e por cada criança. (Havia também uma proposta mais ousada, de encorajar a participação das crianças, levando-as a adquirir conhecimentos e habilidades que lhes permitiriam agir sobre a paisagem de seu bairro.)

No campo teórico alguns autores dão respaldo ao estudo, como Halbwachs (2006), ao tratar da relação entre memória coletiva e espaço, e Kevin Lynch (1997) com seu estudo da imagem da cidade. Serviu ainda de itinerário a discussão de Walter Benjamin (1992), quando aborda criticamente a modernidade do início do século XX nas grandes metrópoles, acarretando o desaparecimento das narrativas orais. Também foram consultados documentos que desde 1972 consolidam a legislação sobre o patrimônio

imaterial e a paisagem cultural no país, a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial - 32ª Conferência Geral da UNESCO (2003), Cartas Patrimoniais e outros documentos que tratam do patrimônio cultural intangível.

Sobre o uso dos mapas mentais o texto de Machado (2003) pode ser considerado interessante, pois os apresenta como representações gráficas individuais levando em conta as relações entre o indivíduo e a sociedade. Para o autor, os mapas mentais mostram o ambiente como um elemento de sociabilidade humana.

Outra referência bibliográfica indicada é a tese de doutorado da autora (ARRUDA, 2002) que analisou a produção de uma “identidade carioca”, partindo de iconografia e relatos escritos sobre a construção do Rio de Janeiro moderno e cosmopolita.

Entre o século XIX e o início do século XX vários estudiosos nos ramos da psicologia, da pedagogia e da arte começaram a estudar o desenho das crianças, buscando entender a psicogênese do homem, traçando paralelos entre o desenvolvimento da criança e a evolução dos povos primitivos. O desenho, tanto na psicologia como na arte, foi bastante usado, no Brasil, pelos modernistas, contando com a abertura de novas possibilidades estéticas. Nas pesquisas pedagógicas, a proposta era conhecer de forma sistematizada o desenvolvimento da criança através de sua capacidade gráfica; já nas artes, a proposta era a de reconhecer a importância da liberdade de expressão da criança. No Brasil, a ressonância desses movimentos em torno do desenho infantil começou na década de 1920, abrangendo desde o início dos anos 1930 pesquisadores das áreas da psicologia e da pedagogia.

O uso dos desenhos infantis na psicologia buscava descobrir situações que afetavam o comportamento de crianças pequenas sem outros meios de expressar traumas, medos e problemas advindos principalmente do relacionamento familiar. Particularmente, a criança no início do século XX não gozava dos privilégios dado aos adultos. Philippe Ariès apontou as trajetória do desenvolvimento psicossocial e social que a infância teve no âmbito familiar, saindo quase que diretamente da infância à idade adulta. O tempo da

adolescência só se constitui na década de 1950, quando o adolescente passa a ser olhado não mais como um não-adulto, mas como um jovem.

Dentre os levantamentos bibliográficos voltados para a psicologia infantil foi uma grata surpresa conhecer o interesse de Mario de Andrade pelo tema, tendo este pesquisado na década de 1930 os desenhos das crianças em praças públicas e parques infantis na cidade de São Paulo (município de São Paulo, SP, Brasil), voltando-se para diferentes pesquisadores europeus e brasileiros da época que se interessaram pelo desenho infantil, dentre eles Sylvio Rabello e Georges-Henri Luquet.

Para Andrade, segundo Coutinho (2010), os desenhos das crianças são de caráter linguístico, isto é, inscrevem-se no âmbito das comunicações como linguagem. Ao focar o poder de representação gráfica como linguagem e possibilidade inerentes ao ser humano, ampliava seu conceito de desenho para além das fronteiras da arte, aproximando-se das concepções linguísticas. O desenho, por essa ótica, pode ser entendido como uma linguagem que expressa e comunica o pensamento visual. Desde que introduziu nas discussões aspectos contextuais, e principalmente culturais, como os contágios do processo de aprendizado do desenho pela criança, o autor se opôs à visão romântica que alimentou as concepções modernistas da “arte infantil”.

No Brasil, em 1935, Sylvio Rabello escreveu uma obra intitulada **Psicologia do desenho infantil** (RABELLO, 1935), apresentando-a como um ensaio sobre a questão psicológica da criança brasileira, tão descuidada entre nós, mas objeto de interesse de diferentes estudiosos estrangeiros. No entanto, seu interesse sobre o assunto o levou a buscar através de pesquisas em escolas na cidade de Recife (município de Recife, PE, Brasil) a fisionomia mental da criança brasileira, verificando sua aptidão para esse gênero de expressão.

Mas foi Luquet, segundo Duarte (2010), quem desenvolveu a tese de que o desenho infantil tinha pretensões realistas, diferentes em cada faixa etária, pois a criança não desenha nada que não represente alguma “coisa”. Essa proposta não foi bem aceita por autores que trabalhavam com o desenho infantil, contudo, na minha experiência clínica nas décadas de 1970 e 1980 com crianças pequenas (na maior parte dos casos com três anos de idade)

posso afirmar que estas, na maioria das vezes, quando desenhavam espontaneamente, se perguntadas sobre seus desenhos, sempre respondiam que representavam alguma coisa conhecida, mesmo sendo garatujas.

Quando pensamos na preservação das cidades como patrimônio histórico, devemos recordar que a vida cotidiana numa cidade é um evento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados e novas construções, buscando lhes conferir uma identidade própria. Contudo, os processos contemporâneos de patrimonialização e de espetacularização da cidade (JEUDY, 2005) buscam identidades homogeneizadoras e multinacionais, processo que também vem ocorrendo no Rio de Janeiro.

As cidades podem ser identificadas pelas maneiras de ser dos seus habitantes, que são testemunhas preciosas do passado, e que se mostram no presente de diferentes maneiras; portanto, devem ser respeitadas não só por seu valor histórico, mas também por seus valores afetivos, observáveis no dia-a-dia, podendo ser identificados nas coisas miúdas os jeitos de ser, e de viver na cidade. Segundo Jeudy (2005), “quanto mais a cidade escapa à representação, mas ela provoca uma apropriação imaginária do espaço” (JEUDY, 2005, p. 83).

Quando pensamos em mapear lugares conhecidos basta uma boa memória e um lápis na mão; contudo, se pedirmos a uma criança para desenhar o trajeto que faz cotidianamente, da casa à escola, à primeira vista isso pode ser difícil, mas aos poucos ela consegue fazer um desenho. Procuramos olhar atentamente esses desenhos, que aqui são chamado de “mapas”; evidentemente, não se tratam de mapas convencionais com os símbolos cartográficos usuais, mas de desenhos com simbologia própria.

CARTOGRAFIA

Cartografia é a maneira de representar qualquer espaço por meio de desenhos, com técnicas de representação de lugares e paisagens. Como os mapas são usados em todo o mundo há a necessidade de símbolos legíveis, exemplo: águas em azul, estradas pavimentadas em vermelho, etc. A cartografia é uma maneira simplificada de representar

a realidade, por meio de mapas, fazendo uso de uma linguagem gráfica que pretende ser compreensível para o máximo de pessoas.

MAPAS MENTAIS

Mas, o que são mapas mentais? Quando os estudos sobre percepção e comportamento ambiental abarcaram a geografia, surgiu o estudo de mapas mentais, numa ótica comportamental. É possível, contudo, se fazer outra “leitura” dos desenhos que buscam compreender a relação entre o sujeito e o ambiente.

O mapa mental (Figura 1) foi o instrumento metodológico escolhido por se constituir numa representação gráfica imaginável de qualquer espaço físico particular. A técnica dos mapas mentais e os procedimentos seguidos, como as narrativas, enfatizaram a particularidade de observar a relação entre as crianças e sua cidade - nos desenhos e nas descrições plásticas, levando em conta as interferências subjetivas e coletivas.

Cada criança faz relevantes associações com determinadas partes do local escolhido da cidade, e por mais pessoal que seja, suscitam imagens partilhadas com grupos “íntimos” (familiares), e estão impregnadas de lembranças que ganham determinado sentido particular. Ainda que as imagens da cidade, bairro ou rua sejam por algum tempo estáveis, se modificam ao longo dos anos por diferentes razões, o que não quer dizer que não estejam retidas na memória dos moradores, que reconstróem imagens desses espaços de acordo com crenças subjetivas. Assim, as mudanças produzidas dependem igualmente das faixas etárias, pois crianças representam nos desenhos cidades diferentes daquelas dos adultos. Por quê? Provavelmente, por que as crianças se apropriam do espaço urbano atribuindo-lhe representações e sentidos particulares.

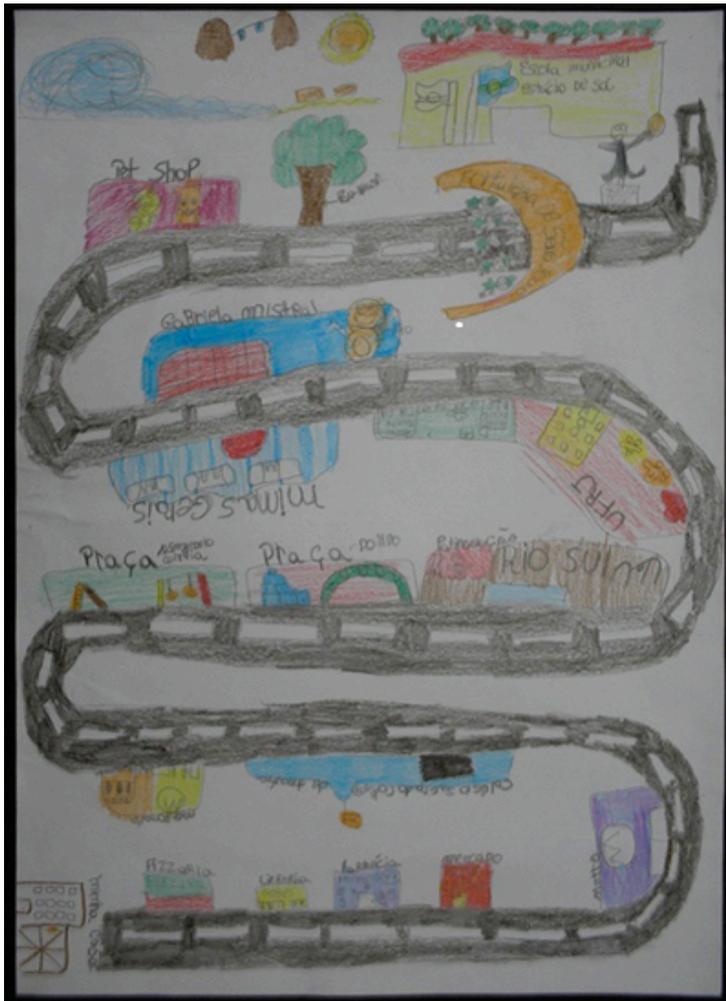


Figura 2: Mapa Mental de menina de dez anos. Trabalho do aluno A. Z. B. DRE: 105.034.843.

Para efeitos deste artigo selecionamos como exemplo dois desenhos de crianças. Aos pais e a cada criança, conforme descrito acima, foram entregues Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs) que, uma vez assinados, permitiram as entrevistas e as confecções dos mapas mentais; também foi incluída uma cláusula de que o material faz parte da pesquisa da professora e que por isso pode ser incluído em seus trabalhos acadêmicos, relatórios de pesquisa e apresentações em eventos científicos; também os alunos da disciplina assinaram TCLEs, permitindo a utilização dos trabalhos pela professora, desde que sejam identificados, mas citados no texto apenas com as iniciais. As crianças serão

designadas como Cr-01 e Cr-02, citando apenas sexo, idade, bairro onde moram, colégios onde estudam e séries cursadas.

(Uma observação: nem todos os alunos(as) seguiram as etapas e nem o modelo das narrativas proposto pela professora, talvez pela novidade da metodologia. O breve histórico dos bairros descritos nos mapas das crianças foi tarefa dos alunos.)

Importa, ao iniciarmos o entendimento dos desenhos de cada criança, afirmar que o desenvolvimento das etapas da educação patrimonial nem sempre demandam estudo anterior, mas é possível afirmar que crianças entre seis e dez anos percebem os espaços da cidade de maneira particular, e que provavelmente seus familiares contribuíram para tanto.



Figura 3: Parte do mapa mental da Cr-01, representando a van que a leva para o colégio.

Criança (Cr-01) do sexo feminino, com dez anos de idade, moradora do bairro de Copacabana, município do Rio de Janeiro, estuda em colégio situado no bairro da Urca, também no município do Rio de Janeiro. Os espaços representados (Figura 2) reúnem

diferentes bairros da zona sul da cidade ao fazer o trajeto entre a casa e o colégio: iniciam-se no bairro de Copacabana (onde mora com a família), e passam pelo bairro de Botafogo, que é passagem da condução (Figura 3) que a leva para a escola no bairro da Urca. No bairro de Copacabana seu desenho mostra a Rua Barata Ribeiro, passa pela Estação do Metrô Cardeal Arcoverde, entra na Rua Toneleros, onde fica o Colégio Sagrado Coração de Maria (onde estudou anteriormente - Figura 4), em seguida passa pela Praça Serzedelo Correia e pela Praça do Lido; atravessa o Túnel Novo; no bairro de Botafogo desenha o Shopping Rio Sul; entra no bairro da Praia Vermelha, onde desenha o Campus da Praia Vermelha da UFRJ (onde o pai estuda), o Bondinho e o Morro do Pão de Açúcar, e chega ao bairro da Urca, com a Fortaleza de São João e a Escola Municipal Estácio de Sá, onde estuda (Figura 5).

É interessante observar como a criança desenha as ruas, dando ênfase às edificações. O desenho é minucioso, demonstrando atenção importante ao que está à sua volta, muito embora não fosse esperado conhecimento aprofundado sobre os locais. Observa-se que há empenho em retratar a realidade, acrescentado a representações imaginárias do mesmo espaço físico, quando expressa desejos e preocupações.

Segundo Georges-Henri Luquet (apud DUARTE, 2010) o desenho da criança está dentro de concepções realísticas, não são cópias de objetos, mas interpretações do real em linguagem gráfica; assim, por meio dos desenhos as crianças expressam sentimentos, afetos e emoções vividas.

Na etapa de exploração, quando se procura conhecimento sobre os locais e bairros abrangidos no trajeto entre a casa e a escola, a criança não mostrou conhecimento, o que já era esperado. Sendo assim, a pesquisa sobre a história do bairro da Urca foi feita pelo aluno.

O BAIRRO DA URCA

A primeira fundação da cidade do Rio de Janeiro pelos portugueses liderados por Estácio de Sá, em 1564, foi realizada na entrada da Baía de Guanabara, próximo ao atual bairro da

Urca, na estreita faixa de terra então existente entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar (atual Praia de Fora, nos terrenos da Fortaleza de São João). Contudo, logo os portugueses se transferiram para o Morro do Castelo, mais ao fundo da Baía de Guanabara, mantendo apenas uma fortificação junto ao sítio inicial.

Até o início do século XX, o bairro da Urca simplesmente não existia, porque as águas da baía de Guanabara batiam diretamente nas rochas que circundam os morros da Urca e do Pão de Açúcar. Existiam, apenas, as águas da enseada que acompanhavam o costão do Morro da Urca em sua face Oeste. No lugar que hoje corresponde à Avenida São Sebastião, passava o caminho que se estendia até a Fortaleza de São João.

A criação do bairro ocorreu na década de 1920, com a realização de um aterro e a construção de um cais, ligando a Praia da Saudade à Fortaleza de São João, pela Sociedade Anônima Empresa da Urca, constituída em 1921 pelo engenheiro Oscar de Almeida Gama. Sobre o aterro foi feito o loteamento do bairro e a construção dos primeiros prédios.

Na atualidade é um bairro residencial, contudo abriga algum comércio, cortado por ruas arborizadas, e com baixa iluminação pública. A Avenida Pasteur, antiga Praia da Saudade, abriga hoje o late Clube do Rio de Janeiro e as instalações da UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, e do Instituto Benjamin Constant. Na Praia Vermelha, localiza-se o Instituto Militar de Engenharia (IME), a Escola de Comando e Estado Maior do Exército, e a poucos metros a estação do primeiro estágio do Teleférico do Pão de Açúcar, além da pista de caminhada Cláudio Coutinho.

Num estudo sobre a cidade e seu patrimônio, deve-se levar em consideração como a ambiência (entendida enquanto capacidade que os espaços têm para trazer a lembrança memórias e histórias individuais e coletivas) do bairro é recebida por sua população. Assim, o bairro da Urca é visto como muito protegido da violência visível em outros bairros, com locais aprazíveis e bons espaços públicos, para caminhar, para sentar-se e conversar com outros moradores; tem ainda espaços afeitos à prática de esportes e outras

atividades na rua, a qualquer tempo e horário. No mais, o bairro possui muitas áreas verdes, com muitas árvores e outras belezas naturais.

Na exploração se avaliou ainda a capacidade de análise, de julgamento crítico, e de interpretação dos significados através dos relatos da criança. As narrativas transcritas a seguir são descrições que a criança elaborou sobre seu mapa mental.

SE REFERINDO AO ANTIGO COLÉGIO

Me veio (sic) à cabeça minhas amigas que conheci há mais de três anos e lembrei das aulas de educação física, que lá eram divertidas e tenho saudade... E que não tem na Estácio de Sá, porque nas aulas de lá a gente fica sentada, copiando dever dentro da sala.



Figura 4: Parte do mapa mental da Cr-01 - Colégio Sagrado Coração de Maria.

SAUDADES DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

Uma brincadeira chamada Norte-Sul-Leste-Oeste, queimado (eu adoro queimado!), pique-bandeira, futebol (...) E também gostava do futebol, era legal.

Aqui podemos citar M. Halbwachs (2006) que ao tratar do estudo da memória individual e coletiva enfatiza também as relações com o espaço, afirmando:

não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial (...) O espaço é uma realidade que dura e nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda (p. 170).

A etapa da apropriação mostra que a internalização e a vivência tiveram uma participação ativa, com grande envolvimento afetivo, além da valorização do bem cultural.

SOBRE AS PRAÇAS DESENHADAS. POR QUE AS DESENHOU?

Porque na Serzedelo Correia fui muito lá quando morava na (Rua) Toneleros, brinquei muito lá com a Carolina, filha do porteiro (...) Então, é na do Lido que vou muito lá com meu irmão, brinco com ele lá agora, já que a gente mora mais perto dessa do que da Serzedelo.



Figura 5: Parte do mapa mental da Cr-01 que representa a Escola Municipal Estácio de Sá.

ESCOLA ESTÁCIO DE SÁ. CONTINUANDO A NARRATIVA:

Depois passo pela entrada da Fortaleza de São João, onde tem uma estátua do Estácio de Sá, que eu não sei se desenhei direito. (Figuras 5 e 6)



Figura 6: Parte do mapa mental da Cr-01 que representa a entrada da Fortaleza de São João.

SOBRE ESTÁCIO DE SÁ

Foi o homem que fundou a cidade do Rio de Janeiro (...) Sei disso porque no dia 20 de abril foi comemorado o aniversário de 100 anos da escola e nós conversamos na aula sobre o Estácio de Sá (...) Sei que foi ali dentro da Fortaleza o lugar em que o Rio de Janeiro surgiu (...) Lá é o começo do Rio de Janeiro.

Aqui é possível deduzir que a criança, ao saber do tema versado no programa da disciplina, tenha se preocupado com a história da cidade.

RELAÇÃO COM A NOVA ESCOLA

Gosto muito, mais até que o Sagrado. Minhas amigas também são bem legais. Mas lá tem um pequeno problema. Um pequeno não, um grande problema, que é uma porcaria de um bicho, que é o mosquito da dengue, que ontem peguei meu caderno e o mosquito estava no mural, bati nele com meu caderno grosso e saiu sangue no mural e no meu caderno, na matéria nova, e fiquei um pouco chateada porque sujou minha matéria. Depois tomei um banho de repelente e apareceu uma abelha e me atacou,

porque o repelente era cheiroso. Depois fui correndo pra sala, porque a abelha estava atrás de mim. Era hora de ir embora e eu saí correndo para a van, para a abelha não me atacar.

Segundo Benjamin (1992), a narrativa é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.



Figura 7: Mapa mental da Cr-02. Trabalho da aluna C. D. E. S. F. DRE: 110112046.

Mapa mental de criança (Cr-02) com oito anos de idade, do sexo masculino, residente no bairro do Grajaú, município do Rio de Janeiro, na Rua Caruaru; estuda no Colégio Pinheiro Guimarães, cursando o terceiro ano do ensino fundamental. Quanto à observação do trajeto casa-escola, a criança, para descrevê-lo, fez um desenho diminuto (Figura 7), usando a parte baixa e à direita da folha. O registro é o próprio desenho da casa da criança que é o elemento com maior dimensão; além da casa e da escola, os elementos presentes foram dez árvores, três casas, um prédio, um ponto de ônibus e as ruas com as suas faixas.

DESCRIÇÃO DAS PARTES DO DESENHO

Aqui é o nosso prédio. Aqui é aquela rua pra lá, que sobe. Pra cá, tipo, é naquela rotatória lá, é aqui é uma rua que vai para a guarita que a gente vai para o nosso prédio, eu fiz a que vai pra cá. E tem aquele... aqui, cadê? (...) Ah, o ponto lá, lá de cima. É uma menina que estava no ponto. Aí a gente vira, tinha uma escola aqui, mas eu só lembrei agora, mas eu não quero mais colocar. Tinha também um monte de árvores, aí tinha uma escola aqui que eu lembrei, aí chegava na minha escola.

SOBRE OUTRO ELEMENTO DESENHADO

É uma casinha que pintaram toda de rosa, eu achei que ficou muito feia, eu não gosto muito de rosa (...) Esse prédio é um perto do nosso que eu achei.

QUEM A LEVA PARA A ESCOLA

Meu pai, agora, antes era a minha mãe. O meu irmão vai comigo no caminho ele também estuda na mesma escola que eu (...) vou só olhando o caminho” (não conversam).

O QUE MAIS CHAMA SUA ATENÇÃO AO DESENHAR

As árvores. Eu gosto das árvores.

LEMBRANÇAS AO DESENHAR

A menina que tava no ponto do ônibus e depois eu vi ela saindo do ônibus. Eu vi a menina entrando no ônibus aqui (apontando), aí o ônibus veio, é porque eu tava atrás, aí depois meu pai saiu e ela tava descendo do ônibus.

COMO VÊ SEU BAIRRO - O QUE MAIS GOSTA E O QUE MENOS GOSTA

Ah, eu gosto. Eu gosto das árvores. (O que não gosta:) Nada.

E SEUS AMIGOS E AMIGAS?

Eles gostam dos prédios porque os prédios têm cores e decorações diferentes e eu gosto das árvores.

SOBRE GOSTAR DAS EDIFICAÇÕES

Não (gosta). Ah, porque os prédios têm cores que eles veem e eu não vejo (não vê as cores). Ah, porque eu vou no carro e eu só vejo as árvores.

SOBRE O BRINCAR

Ah, eu brinco na rua (...) Eu ando de patinete.

PODE FAZER ALGUMA COISA PARA MELHORAR SEU BAIRRO?

Sim. Reduzir o número de casas e colocar mais árvores, porque a gente teria uma visão mais bonita e também o ar melhor.

PASSEAR COM A FAMÍLIA

Sim. No shopping, casa de um amigo, sair para a rua, brincar, para a pracinha.

QUAL É O LUGAR MAIS BONITO DO RIO DE JANEIRO?

O Pão de Açúcar. (Por quê?) Ah, porque a visão, que parece aquele pão lá, vê um monte de prédios, o mar (...) Eu sinto que é muito bonito (...) É que eu nunca fui lá, mas por causa de tudo isso que eu te falei eu acho que é muito bonito. Mas eu vejo de longe.

QUER FALAR MAIS ALGUMA COISA SOBRE SEU DESENHO?

Não.

Segundo Duarte (2010),

Enfatizando a oposição entre idealismo e realismo, Luquet (1969) argumenta que mesmo realizando uma cena imaginária com personagens e cenários jamais vistos, ainda assim a criança desenha realisticamente, no sentido em que se propõe a dotar esses elementos imaginários de características correlatas a uma possível realidade (p. 4).

Na etapa da exploração a história do bairro do Grajaú foi feito pela aluna.

O BAIRRO DO GRAJAÚ

O bairro localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, próximo ao bairro da Tijuca, é caracterizado por casas ajardinadas e ruas largas e arborizadas. Surgiu nas primeiras décadas do século XX, sobre um vale conhecido como “Vale dos Elefantes”, ao sopé do Maciço da Tijuca. É um bairro residencial com pequeno comércio, com a presença de supermercados, açougues, padarias, farmácias, armarinhos, papelaria e de alguns locais de serviços como bancos, escolas e creches, além de academias de ginástica, e restaurantes. Além disso, existem no bairro dois Clubes, o Grajaú Tênis Club e o Grajaú Country Club, duas praças, Praça Edmundo Rego e Praça Nobel, alguns largos e a Reserva Florestal do Grajaú.

Ao descrever seu desenho a criança cita uma “pracinha” que frequenta, como é conhecida a Praça Edmundo Rego pelos moradores do bairro. Aos domingos e feriados é o principal espaço de sociabilidade dos moradores, sendo fechada ao trânsito e ocupada por uma feira de artesanato, enquanto seus arredores são tomados por bicicletas, charretes, carrinhos, pula-pulas e outros brinquedos. O bairro ainda possui várias Igrejas católicas.

O surgimento de algumas áreas indevidamente ocupadas e de maneira irregular, causaram danos ao meio ambiente e o aumento da violência no local. Embora essa sensação de insegurança exista, aparentemente é menor que em muitos outros bairros da cidade, e o hábito de crianças brincarem nas ruas ainda persiste, como relatou a criança entrevistada.

Luquet (apud DUARTE, 2010) ao apresentar a noção de realismo com relação às fases do desenho infantil, apontava uma primeira tentativa da criança de se afirmar frente ao mundo externo. “Esse realismo se apresenta de duas maneiras: intelectual e visual. O primeiro é a linguagem gráfica da criança e que ao longo do seu desenvolvimento é sucedido pelo segundo, uma maneira de representação impessoal e mais inexpressiva” (pp. 10-11).

Quanto à memória individual, segundo Halbwachs (2006), esta sempre existe a partir de uma memória coletiva, uma vez que todas as lembranças se constroem no interior de um grupo.

Na exploração se avalia a capacidade de análise, de julgamento crítico, e de interpretação dos significados através dos relatos das crianças. É perceptível a diferença entre um desenho e o outro, o da Cr-01 é bastante minucioso e detalhista buscando retratar a realidade com rigor, já o mapa mental da Cr-02 é um desenho mínimo, contudo, a narrativa é bastante interessante, e, podemos dizer, impressionista.

A criança Cr-01, ao narrar sobre as praças desenhadas, mostra o quanto os espaços da cidade estão carregados de lembranças afetivas, relacionados a familiares e amigas. Já ao descrever a experiência na nova escola, o faz de maneira cômica e ingênua, condizente

com a maneira espontânea das crianças descreverem suas experiências, demonstrando ainda ter se apropriado afetivamente dos espaços descritos.

Quanto à criança Cr-02, ao descrever o Pão de Açúcar como o lugar mais bonito do Rio, mesmo não o conhecendo, atribui ao mesmo, características positivas, e acaba por compartilhar da imagem coletiva que todos atribuem ao Pão de Açúcar com seu Teleférico, ainda mais por ser um símbolo da cidade.

As crianças não passaram por nenhuma Oficina de Educação Patrimonial, não tendo conhecimento das etapas trabalhadas, contudo, se observa que Cr-02, ao falar da sua preferência pelas árvores, melhorando o ar, nos leva a pensar numa precoce preocupação com o meio ambiente, provavelmente, pelas divulgações nas diferentes mídias às quais as crianças têm acesso hoje em dia, como a televisão e a Internet.

Como escreveu Oliveira (2004),

os espaços públicos são fundamentais na socialização das pessoas e as crianças que caminham pela rua trabalham seus sentidos, o corpo, os seus sentimentos, a sua criatividade e a sua sociabilidade (...) A criança que não caminha pela rua, geralmente passa de um espaço para outro sem estabelecer uma continuidade temporal entre eles. Na maioria das vezes, ela utiliza o espaço aberto por pouco tempo (p. 68).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades imaginadas representadas nos mapas e narrativas infantis guardam relações com a cidade concreta, e são nestas leituras particulares que se instalam diferentes experiências de vida. A pesquisa buscou compreender se o caminhar a pé, de automóvel ou de ônibus, fazendo o trajeto entre casa e escola, estimula e faz crescer o interesse das crianças pelas coisas do mundo.

No texto foram apontados aspectos relevantes do olhar infantil sobre a cidade mostrando quanto é importante a difusão e o entendimento de que a educação patrimonial deveria estar inserida nos currículos de colégios e universidades.

É possível ainda afirmar que os espaços da cidade auxiliam no desenvolvimento da imaginabilidade/legibilidade (LYNCH, 1997), conceitos que significam a capacidade de

desenvolver uma imagem mental a partir de elementos da paisagem urbana, facilmente reconhecida e organizada de modo coerente, como as delimitações das ruas, edifícios, praças, sinais de trânsito, árvores, estátuas e o que Pierre Nora (1993) denominou “lugares de memória”, como por exemplo o Pão de Açúcar.

A imagem da cidade resulta da vivência de cada pessoa, e do seu envolvimento e participação na vida urbana; com isso, é possível demonstrar parcialmente o quanto os espaços da cidade são importantes na capacidade de orientação e de proteção e no desenvolvimento emocional, motor e social das crianças. A cidade será sempre uma projeção dos imaginários no espaço e no tempo passado e presente.

Os espaços que emergiram em diferentes mapas mentais estudados possuem significados próprios para cada criança, e configuram um universo rico de sensações e sentimentos de pertencimentos a esses espaços, seja pelas vivências passadas e presentes, seja motivados por desejos, ou, ainda, por lembranças relacionando locais e pessoas que, juntamente com a criança, também fazem ou fizeram uso desses espaços.

No entanto, algumas considerações ainda devem ser feitas; primeiramente, observou-se que a metodologia da educação patrimonial ainda encontra resistência entre os alunos de graduação em Psicologia, principalmente quando se invoca a importância da cidade e dos patrimônios culturais na saúde psíquica dos habitantes. Sim, é possível afirmar que há grande desconhecimento a respeito do que sejam bens culturais, e os jovens na sua maioria desconhecem inclusive que as paisagens são bens culturais imateriais que precisam, para serem preservadas, serem conhecidas.

Segundo Calvino (2003),

o olhar percorre as ruas como fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando (o Rio de Janeiro (inserção da autora)), não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (p. 18).

AGRADECIMENTOS

Às crianças e seus familiares.

“A gratidão é a memória do coração” (provérbio francês anônimo).

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Phrygia. O jeito carioca de ser: Entre a tradição e a modernidade. O imaginário de um Brasil moderno. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Trad. Maria Luz Moita. Lisboa: Antropos, 1992, pp. 27-57.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COUTINHO, Rejane. Mário e os desenhos das crianças. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* nº 30. 2010, pp. 171-183.
- DUARTE, Maria Lúcia Batezat (2010). Sobre o pensamento de Georges-Henri Luquet. Site: www.ceart.udesc.br/pesquisa/Plasticas/Malu%20-%20AP. pdf. Retirado da internet em 03.03.2010.
- JEUDY, Henri-Pierre. Representação simbólica das cidades. In: **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005, pp. 81-84.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HORTA, M. L. & al. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial de Petrópolis, 1999.
- MACHADO, Paulo B. Mapas mentais e representações sociais. Salvador (BA): Mimeo, 2003.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dezembro de 1993, pp. 7-28.
- OLIVEIRA, Cláudia. **O ambiente urbano na formação da criança**. São Paulo: Aleph, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, vol. 27, n. 53, junho 2007.
- RABELLO, Sylvio de Lyra. **Psicologia do desenho infantil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- Termos de Consentimentos Livres e Esclarecidos de alunos e responsáveis das crianças (Resolução 196, de 10 de outubro de 1996 - Capítulo IV - Consentimento Livre e Esclarecido.)
- UNESCO: **Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**, 2003.
- UNESCO MOST: (2004). Retirado da Internet em 10.03.2010.